

Poemas de um canto
do mundo

Deivide M. M. Seychellys

2010/julho - 2016



*“Se seu amor não parar o tempo,
Amor ele não é”*

*“Viva a insanidade dos insanos,
é a única lembrança dos gênios”*

*“Um dia faz por nós,
o que um ano não fará”*

*“Aos que viverem além de tudo
ainda digo que o que resta é apenas lembrança”*

*“Há aqueles que tem um amor
o largue antes que estrague”*

“Pra valer tem que doer”



Corroborar

Eu sei que eles não te contaram que os deuses não
contam o tempo.

Mas somos atentados a disser que o mundo é feito
pelo conjunto no entanto não é, sua constituição
sinuosa e sensata vem de tijolos ricos de
prosperidade e promíscuos de devaneios se movem
lentamente em pleno acaso.

O que você não sabe que eu sei é que aquele que
olha também é aquele que é olhado e aquele que
cria também será o que foi criado.

E sua vida segue em um distúrbio abusado em que
os teus eternos cansaços são pagos com
trêsquintos do seu gasto.

E outrora iremos ser peças ignorantes de um jogo
pífio e repetitivo em que o padrão se repetirá num
rodopio insinuante de um pião que gira em seu
eixo sempre parecendo novo sendo que sua
silhueta será a mesma.

Mas o que nunca iram lhe perguntam é a pergunta
das perguntas aquela provocadora de risos
lamuriante de socos tilintantes e escapes
perspectivos é simples em palavras e cruel em
dados.

E eis ela; Onde é a tua casa ? Será depois do
lamacento molhado? O disparate distante ou da
ventosa fumegante?

Será do tamanho da sua mente ? Ou será dão
insignificante quanto ?

Sua espera é demasiada em reinvenções cujas
paredes são frágeis cujas teias não grudam os
maiores, a sim e estes maiores não se limitam a ler
e ouvir disser.

O tocar é muito mais que o ver o sentir é a
espantosa realidade fora da caixa que nos diz que
antes devemos aproveitar da corda que se desgasta
e desaparece.

Nada é esplendido o suficiente que o tempo não
coma sua boca é grande e apenas os deuses não são
digeridos mas são comidos, mas sua falsa lealdade
é inquietante dos passos largos do conto da corda

da canção do tempo por isso o momento é o único
que não acabará.

E o que restará a nós?

Um momento! Nele há um deus na barriga, um
pião girando pela primeira vez, o tempo pensando
na refeição, um tijolo a se agrupar, um olhar que te
olha, um cansaço que ainda não foi contado e uma
realidade que ainda não é um conjunto.

Existe apenas um agora que não existe sem o
próximo entre eles existe um espaço que não existe
na continuidade e não parece de sede apenas de
exatidão , contar é saber a magnitude do
brilhantismo do irresponsável do riso do inaliável
do caos, ali o foi esta para trás o será esta para
frente mas ambos caíram no esfolamento.

A conta é mera ocasião dos desfavorecidos que
esperam que dias menos longos os separem de dias
mais curtos e que esses possam revelar períodos
menos tortuosos e não contar é não lembrar não
acreditar não saber que aconteceu ambas mortes
precoces suicídios pacatos e crus, ninguém sente
por já ter sentido demais e ninguém teme pois não
lembra o que temeu.

Mas existe o momento aquele que ir ver é
importância maior que imaginar a ida, é o espaço
entre os momentos que ainda não são é aquele
puro suor aquela vida vivida aquele espaço inteiro
aquela mordida saborosa aquela sensação
irradiante aquilo que somos mas que esquecemos ,

a vida não cria é demanda a vida não é feita de
momentos e sim de um único prisma é uma única
coisa é o que resta é o que temos é só o que há



Passagem

*E há de se disser
Que as horas vão cavalgar sobre planícies longas*

*E h´de se disser
Que o tempo composto por horas,
procura algo*

*E h´de se disser
Que os minutos vasculham o escuro*

E h´de se disser

*Que os segundos acharam algo,
só não perceberam*

*E digam muitos que disserem
que o tempo busca alguém,
perdido nele mesmo.*

*Que por breve ironia,
deixou passar,
estava com pressa nesse dia.*

Existirasse

*Existirá ao longe
Um dia que nunca chegará
Uma noite esquecida
Uma morte anunciada*

*Pois quem seria este?
Que escolhe morrer e não viver?*

Lembro,mas não recordo.

*Ainda me lembro de te levar,
Onde meus braços podem ir.*

*Ainda me lembro de um dia,
O qual não esqueci.*

*Ainda me lembro de um passo,
Da dança que me ensinou.*

*Ainda consigo chorar.
Já não me jugues por não poder
te levar.*

Cansaço

Como a vida cansa
Há tantas repetições
ciclos finitos do mesmo

Viver desanima
vivi pouco
já vivi suficiente

O que pode haver de novo?
Não quero envelhecer mais
mas minha juventude apodrece
minha mente esta em algum lugar
entre a esquina

e o esgoto

Sejamos sensatos
quem inventou de viver mais

viver cansa
cansaços tolos
perguntas fáceis
conversas a passar tempo
vamos nos degenerando
nos esvaindo
o que sobra ?
É a carcaça velha e enrugada
cheia
vazia
porem sempre sem vontade

quando me perguntam
o que mais gosto de fazer
respondo com êxtase e paixão

Dormir
Adoro Dormir

Meu corpo esta la
imóvel
parado
meu coração pulsa devagar
meus músculos paralisam
minha mente me distrai
e eu descanso desse cansaço

Corpo

*Andais sobre o solo em que tu nasceste,
Tenhas cuidado,
sobre este já andaram,
desgaste és o que vejo,
convies em mim um andante de canções.*

*Canto a aquele que tes voz diferente,
Que vem ao longe, que chega perto.*

Este jamais me beijaste apenas me considera!

*Andou vasto entre montanhas e jardins,
No entanto jamais me cantou seu nome.*

*Aquele verdadeiro,
como o puro sangue vermelho,
que o compõe.*

Apenas mais um dia

*Limpam-me minhas entranhas,
Entram e saem, meus ossos me condenam,
Meus fios dizem para fazer.*

*Minhas fabulas são derrubadas,
já não me digam que tentei,
pois não.*

*As vezes tremo devagar,
pois sim,
sinto algo,
mesmo que diga que não.*

*Nojo talvez, retruque comigo se puder,
pois não, não pode.*

*Vago de uma nudez de vidro,
caiu como moça velha,
rio dos outros como se fossem eu,
pois si, não rir, não vivo para amanhã.*

?

Vigor de tua vontade me empala perante a vida.

Seu olhar me olha quebrante que só.

Julgo não cavalgar em rios contrários a tua mão.

Chego a disser que foguo por ti como rogo por mim.

*O tempo caminha nas linhas das agulhas envelhecidas
que param diante de todos os nos.*

*Os nos que inventamos depois de uma pobre tarde a se
deitar.*

Seu colo me aconselha e me descaminha

*Enquanto meus dedos perambulam por sua grande
humildade de só pensar em ti.*

Ainda que rogue por mim,mas não eternamente.

*Digo foz que claro como a brisa a passar lhe trago um
pingo do céu,
a se esse céu não brilhar.*

*Fujo de seu corpo que me sufoca como um pássaro a
acordar,que me banha,que me completa na plenitude de
mim,seja eu quem for.*

Lhe quero por entre paixões e vidas.

*Te busco no meu canto vagaroso de noite de
inverno,onde saiu a me cobrir da mais gelada pele.*

*As vezes ouço um som vindo de um lugar onde nunca
estive sozinho.*

Me contam que la um dia algo feliz acontecerá.

O uso da carne

*A carne me come,
o sangue me feri.*

*Meu coração pula na boca de um cão,
que o saboreia, pobre dele morrerá.*

*Cão dos infernos mais que demônios mais que
deus,
cuidado com seus dentes um dia os vermes os
comeram.*

*Minha pele, podre, jaz em descaminho,
não serve a velha mesquinha e social.*

Meus dedos caem,

*na poça,
parasitas saem de suas sepulturas cheias de
cadáveres corroídos,
no entanto ainda vivos.*

*Meus olhos se perdem,
enxergo,mas me recuso.*

*Sinto seres desconhecidos dentro de mim,
eles escolhem,mordem e
saboreiam o petisco.*

*Grito,
logo me acostumo,
ao cheiro da podridão.*

*Me consomem,
e voltam a suas casas,
envergonhados,
amanhã haverá outro.*

*Eu me envergonho,
nada me sobrou,
a não ser um dente.*